

Isabel Duprat

Natureza preservada

TEXTO BARBARA DEMEROV

*Na Casa Rampa,
a floresta circunda
a piscina*

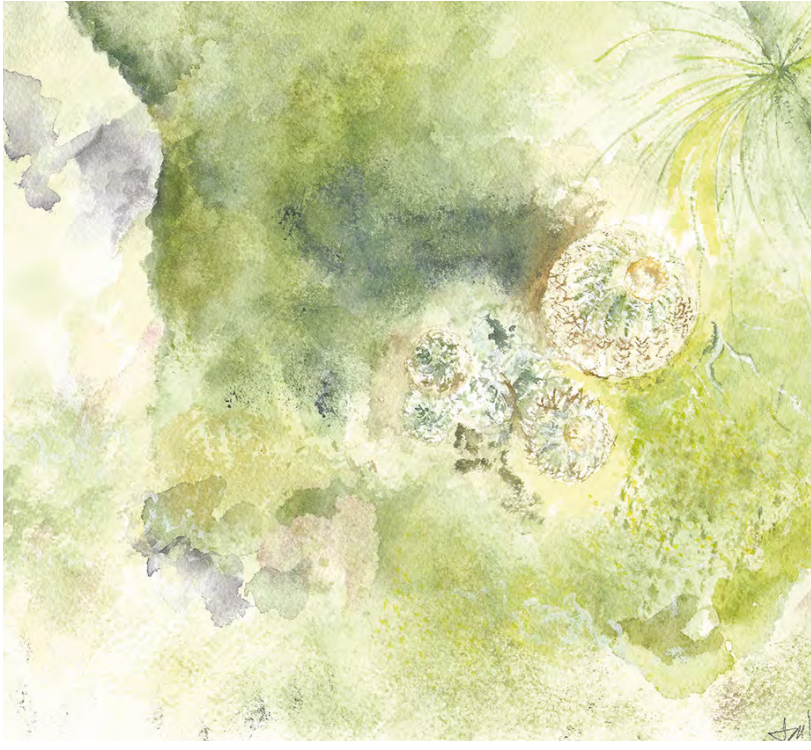


Do urbano à imensidão da Amazônia, a arquiteta paisagista possui uma trajetória profundamente conectada às pessoas e aos horizontes que atravessam sua vida

Quem visita o Centro de Ensino e Pesquisa Albert Einstein, em São Paulo, se depara com uma paisagem inspirada em uma floresta. São 143 árvores e palmeiras nativas, em um projeto que permite que a vegetação sobreviva com 50% menos luz do que ao ar livre, um trabalho pioneiro no Brasil idealizado pela arquiteta paisagista Isabel Duprat, em 2016. A Casa Rampa, projetada por Marcio Kogan em 2015, é outro exemplo. Árvores frutíferas e bem floridas atraem pássaros e cercam a piscina. O efeito é nadar em meio a uma floresta tropical.

Aos 71 anos, Bel, como é conhecida pelas pessoas próximas, pode ser definida como uma pessoa apaixonada pelas referências que carrega consigo. Referências essas que vão para além dos biomas que a cercam, porque também envolvem vivências pessoais e profissionais e, especialmente, conexões que segue construindo com pessoas e lugares. Tudo isso faz parte do emaranhado que representa seu vasto trabalho com a natureza ao seu lado, que é leve e, ao mesmo tempo, impactante. Instintivo, mas também adaptável.

“Ao contemplar a paisagem, meu olhar se amplia. Ao compor o jardim, trago para perto essa natureza.”



ACERVO PESSOAL

O trabalho de Isabel com as aquarelas: uma maneira de conectar verde e arte

Na ativa desde os anos 1970, década em que se formou arquiteta pelo Mackenzie, Isabel sempre transitou entre o urbano e o rural. Paulista apaixonada tanto pela beleza urbana quanto pelo campo, cresceu nutrindo um carinho especial pela vegetação graças à mãe, durante temporadas no sítio da família, em Mogi Guaçu. De um jeito até poético, ela define a escolha da profissão, ainda nos primeiros anos da adolescência, como “natural”. Tal naturalidade seguiu seu fluxo ao longo da carreira: Isabel estagiou com Roberto Burle Marx e realizou expedições com a botânica Nanuza de Menezes, em uma fase extremamente importante para sua formação. Fala de ambos com admiração e ressalta que ter convivido com seus ídolos foi uma experiência positiva. “Hoje em dia, eu não observo essas vivências acontecendo com novas gerações de estudantes. Nanuza nos levava para a Serra do Cipó, em Minas Gerais, ao lado de botânicos, geólogos... foi bacana. Ela me ensinou muito, assim como Burle Marx.”

Após a temporada de estudos em sala de aula e em campo, saiu da faculdade sem um emprego fixo, mas com muita inspiração e assinando alguns projetos independentes aqui e ali. Em 1983, abriu seu primeiro escritório em São Paulo, que também abrigava uma loja de plantas. Em sua caminhonete laranja, uma de suas atividades rotineiras era dirigir até o Ceasa de madrugada a fim de preencher o estoque de plantas e flores.

*A vegetação é o
complemento das
amplas áreas abertas
da Casa Areia*



As residências dos Marinho e dos Moreira Salles são exemplos de projetos que ela assinou nos anos seguintes. Com o tempo, o escritório em meio ao verde mudou de lugar e se alojou em um prédio comercial nos Jardins, onde permanece até hoje, agora com sua equipe. Reservada e de fala tranquila, Isabel repassa seus feitos com brilho no olhar.

Dentre os principais projetos que entrelaçam a força da arquitetura com a beleza do meio ambiente, que Isabel faz questão de destacar, estão a Torre Santander, o shopping JK Iguatemi, a sede do Bank Boston (atual RiverView Corporate Tower), em São Paulo, o belo condomínio residencial Somosaguas (em Madri) e diversas residências localizadas em zonas costeiras ou urbanas Brasil afora. Isabel mergulha intensamente em cada uma de suas plantas e ideias, de modo que lembra detalhes diversos sobre cada projeto que assina. Mas, em contrapartida ao seu método de trabalhar, ela aponta o crescimento acelerado de projetos comerciais que priorizam quantidade em vez de identidade própria. “Isso virou realmente um mercado, especialmente após a pandemia. Até mesmo os jardins residenciais estão massificados.”

Além de sua forte ligação com áreas verdes, Isabel aproveita seu lado discreto e preenche o dia a dia escrevendo (em seu site, isabelduprat.com, há diversos textos sensíveis, que você pode ler nos destaques destas páginas), pintando aquarela e viajando ao lado do marido, o engenheiro agrícola Manoel Dubeux Leão. Juntos desde 2000, eles também trabalham lado a lado em projetos e enxergam a relação como uma bela parceria que vai além da vida pessoal. Até hoje, Manoel atua em tarefas como fazer o desenho de terreno dos projetos, a logística e o dia a dia no escritório, que possui uma equipe enxuta. Fala da esposa com afeto e funciona quase como um guardião de suas memórias, alguém que a faz rir e revisitar histórias. Ao lado dele, Isabel cultiva não apenas seus jardins, mas uma forma muito própria de habitar o mundo.

“O jardim serve para trazer a natureza em direção ao homem e, sobretudo, trazer o homem de volta para a natureza. Serve para nos ensinar que a natureza tem muitos mistérios que não podemos desvendar, somente aceitar.”

*Na Casa Vista,
o gramado
lembra pinturas*





Acima, o condomínio Somosaguas, em Madri; ao lado, o átrio emblemático do Einstein



Dentre as viagens do casal, a Patagônia aparece entre seus destinos preferidos pela paisagem bruta, pelo silêncio e pela sensação de vastidão, características que dialogam diretamente com as referências que Isabel carrega e com sua forma de perceber a natureza. Mas foi na Amazônia, navegando pelo Rio Negro, que essa relação ganhou outra dimensão. “Você quer estar ali, mas tem que ter um respeito por aquilo tudo, por aquela imensidão”, explica. Para Isabel, esses territórios não são apenas lugares de contemplação, mas experiências que se somam ao emaranhado de culturas e conexões que reverberam em seu trabalho. Dá para ver o resultado no verde que aconchega o cliente em seus projetos, ou que relaxa nossa vista nas aquarelas que Bel produz. A natureza reservada da artista preserva a conexão profunda com nosso habitat. ▣

“Os modismos e as tendências no paisagismo são um equívoco, são incompatíveis com os assuntos da natureza. Os jardins se transformam a cada estação, mas são atemporais e o espírito do seu tempo está naturalmente implícito neles.”